

MODERNIDADE CONCRETA EM PERNAMBUCO: TRAJETÓRIAS DOS PROFISSIONAIS DA CONSTRUÇÃO, ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL E O CLUBE DE ENGENHARIA

Daniel de Siqueira Tabosa¹; Maria Luiza Macedo Xavier de Freitas²

¹Estudante do Curso de Arquitetura e Urbanismo – CAC – UFPE; E-mail: danieldesiqueira@live.com,
²Docente/pesquisador do Depto de Arquitetura e Urbanismo – CAC – UFPE. E-mail: luiza.freitas2@ufpe.br.

Sumário: A introdução dos métodos, sua consolidação e, principalmente, como se deu a atuação de construtores, engenheiros e arquitetos, brasileiros e estrangeiros, no contexto da primeira metade do século XX e suas repercussões no estado de Pernambuco, com ênfase na modernização da cidade de Recife, são o norte da presente pesquisa. Entender a trajetória de alguns profissionais de renome, bem como a do papel do Clube de Engenharia neste processo é essencial para que se tenha um panorama mais completo e verdadeiro da história da espaço construído moderno. Na pesquisa em questão se organizou e sistematizou os dados coletados no acervo do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro com o enfoque dos profissionais do espaço construído associados nascidos em Pernambuco e na cidade de Recife. Foi possível se identificar os arquitetos e os engenheiros e sua escola de formação. Pode se fazer a trajetória das instituições de ensino de engenharia e arquitetura no Brasil entre 1880, ano de fundação do Clube de Engenharia e até 1960.

Palavras-chave: concreto armado, Pernambuco, profissionais do espaço construído.

INTRODUÇÃO

O Clube de Engenharia do Rio de Janeiro foi fundado em 1880 com o objetivo de aglutinar engenheiros de todas as especializações, entre elas, engenheiros civis e engenheiros arquitetos, industriais e empresários ligados a produção do espaço e de tecnologias. Sua atuação no cenário do campo material da sociedade, da então capital do Brasil e do nacional, foi de imprescindível importância, tornando-se já na primeira década do século XX, a principal instância consultiva do Brasil. Deu subsídio às principais discussões entorno de questões engendradas pela modernização e no desenvolvimento de uma política modernizadora. Não só de brasileiros compunha o perfil de sócios, mas de muitos estrangeiros, dentre eles europeus, latino-americanos e norte-americanos.

Diante de tal vivacidade, três décadas depois, em primeiro de junho de 1919, é fundada o Clube de Engenharia de Pernambuco¹, o segundo clube de engenharia do país. Assim como o Clube do Rio de Janeiro, aqui em Pernambuco também se congregou profissionais de todos os ramos da engenharia – inclusive de arquitetura, do urbanismo e paisagismo - do Estado. No momento de sua fundação, suas atividades foram alocadas na Escola Livre de Engenharia de Pernambuco, atualmente um dos centros que compõe a Universidade Federal de Pernambuco².

¹ Segundo consta no site <http://clubedeengenhariadepe.com.br/site/fundacao/>, o Clube de Engenharia de Pernambuco é uma sociedade civil com personalidade jurídica considerada ‘instituição de utilidade pública’ pela Lei Estadual n. 295 de 29 de outubro de 1937.

² A Escola Livre de Engenharia foi fundada em 26 de janeiro de 1905 por professores que compunham a Escola de Engenharia de Pernambuco, que havia sido criada pelo governador do Estado em 1895. Depois de sua re-fundação, a Escola Livre teve o seu método de ensino criticado por ser muito teórico, sendo reformada ganhando em 1912, neste processo, uma nova denominação, a de Escola Politécnica do Recife. Entre 1911 e 1918, a escola não teve diplomas expedidos pela falta de fiscalização pelo Governo Federal, sendo os seus formandos impedidos de atuar em outro local do que no Estado. Na década de 1920, há uma nova mudança no nome para Escola de Engenharia de Pernambuco e com a instituição da Universidade Federal de Pernambuco, passa a ser a Escola de Engenharia desta universidade, sendo

As primeiras duas décadas do século XX representou para Pernambuco, mas principalmente para a cidade do Recife, a modernização de seus dois núcleos originais: o bairro do Recife e a Ilha de Antônio Vaz. Preparando terreno fértil para o ambiente cultural efervescente da década de 1920. Abalizada pela modernização³ da cidade, emerge em seu cenário de transformações intensas a tensão entre o moderno e o tradicional: “*Tensões que se expressavam nos debates dos seus intelectuais, nas notícias e opiniões registradas na imprensa, no cotidiano invadido por certas invenções e hábitos modernos*” (REZENDE, 1992, p.30 apud NAVLASKY, 1992, p.21).

A introdução dos métodos, sua consolidação e, principalmente, como se deu a atuação de construtores, engenheiros e arquitetos, brasileiros e estrangeiros, no contexto da primeira metade do século XX e suas repercussões no estado de Pernambuco, com ênfase na modernização da cidade de Recife, são o norte da presente pesquisa. Entender a trajetória de alguns profissionais de renome, bem como a do papel do Clube de Engenharia neste processo é essencial para que se tenha um panorama mais completo e verdadeiro da história da espaço construído moderno.

Concomitantemente, começa a introdução paulatina de tais materiais, técnicas e sistemas construtivos em prédios que atendem a novos programas – estações de estradas de ferro, edifícios de múltiplos andares, galpões industriais e grande áreas de agrupamento de pessoas (teatro e cinema) e em edifícios institucionais – que dotam a cidade de modernidade. Resultado do impacto de novas tecnologias como a energia elétrica, os modais de transporte coletivo, como o trem e o bonde, e, em menor escala, do automóvel particular.

Tal fato trouxe para a arquitetura novas possibilidades formais e tectônicas, até então oferecidas pelo empenho da engenharia em buscar soluções construtivas mais vantajosas e econômicas do que as então disponíveis, lançando as bases de onde veio a se ter o advento da arquitetura moderna.

Expandindo-se da Europa para outras partes do mundo, esse cenário também chega ao Brasil. Eclético, Neocolonial, Moderno e suas variações disputaram opiniões na academia e coexistiram durante a primeira metade do século XX, cada um tendo o seu nicho de maior aceitação. Independente do movimento das vanguardas europeias, já na década de 1910, construtoras estrangeiras fazem no Brasil, as obras pioneiras em concreto armado do país, sendo Pernambuco palco de realização de parte delas.

O contexto da chegada dessas empresas ao Recife, então predominantemente agrário e sem uma indústria de base forte e mão de obra qualificada, que pudesse oferecer os materiais, as técnicas e os sistemas construtivos, além de condições necessárias para a realização dos projetos, tem ainda lacunas a serem preenchidas.

Busca-se preencher algumas lacunas, como detalhar e entender melhor a atuação de profissionais, filiados ao Clube de Engenharia, com sede no Rio de Janeiro, cuja filial de Pernambuco ainda teve um papel a ser desvendado. Identificar e qualificar alguns destes profissionais da construção faz parte do objetivo desta pesquisa.

Procurou-se traçar as complexidades e os caminhos das trajetória de profissionais da construção - engenheiros e arquitetos - atuantes no Brasil com foco nos estrangeiros,

transformado em Centro de Tecnologia e Geociência (CTG) quando da fusão com as Escola de Química e Escola de Geologia, e, os Laboratório de Ciências do Mar e Centro de Energia Nuclear (<http://www.creape.org.br/confea-crea/breve-historico-do-curso-de-engenharia-em-pernambuco/> e <http://www.ctg.ufpe.br>)

³ A modernização da cidade do Recife foi tratada por inúmeros historiadores, com diferentes abordagens, com ênfase na década de 1920, como o livro de Souza Barros, A Década 20 em Pernambuco. Rio de Janeiro: Gráfica editora Acadêmica Ltda., 1972 e a tese de doutorado de Antônio Paulo Moraes Rezende, (Des)encantos Modernos: história da cidade do Recife na década de vinte, na Faculdade de Filosofia, Letras e de Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Outros escritores do momento também são importantes: Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, Joaquim Cardozo etc.

naqueles formados em instituições de ensino do exterior e arquitetos, ainda considerada uma categoria profissional pequena. Todavia, muito trabalho ainda está por ser feito.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho da bolsista, primeiramente, consistiu na sistematização de um levantamento de fichas de filiação de engenheiros e arquitetos do acervo da biblioteca do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, com base em alguns dados: nome, data de nascimento e de falecimento, nacionalidade, local de nascimento, título, escola e ano de formação, número do CREA e dados de atuação profissional e especialidades. Esses dados foram tabulados para a próxima etapa da pesquisa que consiste no levantamento dos dados e referências bibliográficas existentes na filial do Clube de Engenharia em Pernambuco. Juntamente com a pesquisa específica, a bolsista realizou, dentro do âmbito do grupo de pesquisa, a leitura de textos selecionados sobre a relação entre arquitetura e engenharia.

RESULTADOS

O levantamento realizado no acervo de fichas de sócios filiados ao Clube de Engenharia do Rio de Janeiro a partir do ano de fundação do clube até meados do século XX, no total de 495 fichas, revelou a existência de 69 pernambucanos registrados como profissionais da construção civil. Destes 69, 64 eram engenheiros civis, representando 89,8% do total de pernambucanos e 5 arquitetos, 10,2%.

Na fichas de sócio existe alguns problemas, como por exemplo, alguns não colocarem a cidade de nascimento, mas apenas o estado em que nasceram, além de outros detalhes importantes para a maior riqueza na análise dos dados, como a especialização de engenharia em que se formou, o local e/ou escola de graduação até mesmo o detalhamento da atuação.

Dentre a amostra de associados que se dizem nascidos em Pernambuco (Tabela 1), no total de dezessete (17), encontramos um (1) engenheiro arquiteto pela Escola Nacional de Belas Artes, Adhemar Barbosa de Almeida Portugal, quatro (4) industrial sem o local de formação e um (1) engenheiro industrial, formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1925, João Pessoa Cavalcanti de Petribú. Os outros onze (11) são engenheiros civis graduados em escolas como a Escola Politécnica da Bahia, a Escola de Engenharia de Pernambuco, a Politécnica do Império do Brasil, Politécnica do Rio de Janeiro, Escola de Engenharia da Universidade de Pernambuco e Escola Nacional de Engenharia. Se observarmos a data de formatura pode se fazer um percurso pelas diversas denominações que uma escola ganha neste período em estudo.

Dentre aqueles que afirmam que nasceram na cidade do Recife, Pernambuco (Tabela 2), listou se 52. Deste total, quatro (4) são registrados como engenheiros arquitetos ou arquitetos. Os outros filiados desta lista são engenheiros civis, industriais, eletricitas, químicos, agrônomos, geógrafo e cartógrafos. Claro que na sua maioria são engenheiros civis, no total de 31, formados em diversas escolas nacionais e e estrangeiras. O que denota a amplitude deste documento como fonte de interpretação.

DISCUSSÃO

Esta pesquisa ainda está no começo. Seu percurso no último ano 2014/2015 foi marcado por problemas como o acesso à biblioteca do Clube de Engenharia de Pernambuco cuja sede antigamente localizada no bairro da Madalena, teve o seu prédio vendido para a especulação imobiliária, constando no site o endereço na Praça Sérgio Loreto, s.n. e que atualmente, não aponta mais a sua localização. E também pela greve na biblioteca do Centro de Tecnologias e Geociências da UFPE, desde abril de 2015, local em que poderíamos pesquisar alguns periódicos especializados publicados por ambas entidades,

Revista do Clube de Engenharia (Rio de Janeiro) e Revista do Clube de Engenharia de Pernambuco. Opta-se por pesquisar a atuação e a formação de arquitetos e engenheiros atuantes na primeira metade do século XX, momento em que o desenvolvimento e a consolidação da Arquitetura Moderna no Brasil se realizou. Por meio da leitura das fichas cadastrados no Clube de Engenharia, com sede no Rio de Janeiro, se pode perceber a existência de nomes cuja relevância a produção historiográfica já estudou, como Afonso Eduardo Reidy, Oscar Niemeyer, Joaquim Cardozo etc. Também é possível traçar uma história de fundação e transformações das instituições de ensino de engenharia e de arquitetura no Brasil desde o período do império, já que o Clube de Engenharia é criado em 1880, nove anos antes da Proclamação da República, até os dias de hoje. Bem como, as principais escolas de engenharia nas quais brasileiros mais abastados iam buscar sua formação e de onde vinham os imigrantes, que elegeram o país como local de atuação. Contudo, tem de se destacar a importância que tem o dado de atuação para se identificar o que se considera como importante para se colocar no pouco espaço de uma ficha de associação a um Clube de relevância no cenário político, socioeconômico e técnico nacional. Percebe-se entre os levantados, que é importante afirmar a sua especialização em um material, técnica e sistema construtivo, como o concreto armado, principalmente e a estrutura metálica.

CONCLUSÕES

O Clube de Engenharia foi um local em que discussões importantes sobre a modernização da cidade e da arquitetura teve palco. Seus principais dirigentes se confundiram com os agentes das transformações urbanas e arquitetônicas engendradas em todas as cidades do Brasil, sobretudo das principais capitais. Perceber que esta importância não se restringia ao seu local, a cidade do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, denota a sua polivalência. A partir das fichas de sócio do Clube, de filiações feitas entre 1880 a 1960, se percebeu que existe no conjunto uma quantidade considerável de engenheiros e arquitetos nascidos em Pernambuco e na cidade de Recife. O que permite entender a trajetória destes profissionais do espaço construído no estado de Pernambuco, com foco na capital, bem como a das instituições de ensino.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo, ao setor de PIBIC da Propesq da UFPE e à biblioteca do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS

- ARGAN, Giulio Carlo. 1992. Arte Moderna. Tradução Bottmann, D. e Carotti, F. Companhia das Letras São Paulo.
- SANTOS, Paulo Ferreira. mar. 1956. A Arquitetura da sociedade industrial. VII – O fator estrutural: estruturas de concreto armado. *Habitat* 28: 56-60.
- FREITAS, Maria Luiza de. 2011. Modernidade Concreta: as grandes construtoras e o concreto armado no Brasil, 1920 a 1940. Tese de doutorado, FAUUSP, São Paulo.
- SEGAWA, Hugo M. 1999. Arquiteturas no Brasil 1900-1990. 2ª. Ed. Edusp. São Paulo.
- GIEDION, Sigfried. 2004. Espaço, Tempo e Arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição. Trad. Alvamar Lamparelli. Martins Fontes, p.187-315. São Paulo.
- NAVLAVSKY, Guilah. 1998. Modernidade Arquitetônica no Recife. Dissertação de Mestrado, FAUUSP, São Paulo.
- SILVA, Geraldo Gomes da. 1987. Arquitetura Eclética em Pernambuco. In: FABRIS, Annateresa. Eclétismo na Arquitetura Brasileira. Nobel Edusp. São Paulo
- VASCONCELOS, Augusto Carlos de. 1985. O concreto no Brasil. Copiare. São Paulo.